



DOI 10.20396/conex.v17i0.8655108

Artigo Original

Lipofobia, disciplinamento do corpo e produção de valor

Rogério Gonçalves de Freitas¹ Lana Lima Pereira² Pamela Soares Alves³ Marcos Renan Freitas de Oliveira⁴ 

RESUMO

Objetivo: Este artigo versa sobre a relação existente entre lipofobia, disciplinamento do corpo e produção de valor. Procurou entender a lipofobia como técnica biopolítica de disciplinamento do corpo. **Método:** O caráter metodológico deste artigo foi qualitativo e bibliográfico. **Resultados e Discussão:** Percebemos que a subjetivação lipofóbica contribui para o desejo de um estilo de vida saudável para a produtividade no trabalho e o consumo de um corpo-capital. **Conclusão:** Concluímos que o modelo de governamentalidade neoliberal utiliza-se da lipofobia como política social para o disciplinamento do corpo, no qual o corpo-capital torna-se espaço de dominação e o consumo ganha uma dimensão mais complexa, já que o “bem” comprado adere-se ao corpo criando novas cadeias de produção de valor para o capital.

Palavras-chave: Lipofobia. Corpo. Disciplinamento. Produção de Valor.

¹ Universidade Federal do Pará, Faculdade de Educação, Departamento de Educação, Belém-PA, Brasil.

² Universidade do Estado do Pará, Prefeitura de São Miguel do Guamá, Belém-PA, Brasil.

³ Universidade Federal do Pará, Faculdade de Filosofia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Belém-PA, Brasil

⁴ Faculdade de Bragança, Faculdade de Educação Física, Bragança-PA, Brasil.

Correspondência:

Rogério Gonçalves de Freitas. Programa de Pós-Graduação em Educação em Educação (PPGED/UFGA), Campus Universitário do Guamá, Setor Profissional - Centro de Educação, Av. Augusto Corrêa, 01, CEP 66075-900, Belém - PA, Email: rogerioqf@ufpa.br

Recebido em: 23 abr. 2018

Aprovado em: 14 fev. 2019

Lipophobia, body discipline and value production

ABSTRACT

Objective: This article discusses the relationship between Lipophobia, body discipline and value production. It sought to understand Lipophobia as a biopolitical technique for disciplining the body. **Methods:** The methodological approach was qualitative and bibliographical. **Results and discussion:** We perceive that Lipophobic subjectivation contributes to the desire for a healthy lifestyle for productivity at work and consumption of capital body. **Conclusion:** We conclude that neoliberal governmentality model uses Lipophobia with social policy to discipline the body, in which the capital body becomes a space of domination and consumption gains a more complex dimension, since the "good" bought adheres to the body by creating new production chains of value for capital.

Keywords: Lipophobia. Body. Disciplining. Production of Value.

Lipofobia, disciplinamiento del cuerpo y producción de valor

RESUMEN

Objetivo: Este artículo versa sobre la relación existente entre lipofobia, disciplinamiento del cuerpo y producción de valor. Trató de entender la lipofobia como técnica biopolítica de disciplinamiento del cuerpo. **Metodología:** El carácter metodológico de este artículo fue cualitativo y bibliográfico. **Resultados y Discusión:** Se percibe que la subjetivación lipofóbica contribuye al deseo de un estilo de vida saludable para la productividad en el trabajo y el consumo de un cuerpo capital. **Conclusión:** Concluimos que el modelo de gubernamentalidad neoliberal se utiliza de la lipofobia como política social para el disciplinamiento del cuerpo, en el cual el cuerpo-capital se convierte en espacio de dominación y el consumo gana una dimensión más compleja, ya que el "bien" comprado se adhiere al cuerpo creando nuevas cadenas de producción de valor para el capital.

Palabras clave: Lipofobia. Cuerpo. Disciplinamiento. Producción de Valor.

INTRODUÇÃO

Esta reflexão visou aproximar a correspondência ideológica do sujeito lipofóbico e eficiência na autogestão regulada da vida neoliberal para produção de valor. Teve a pretensão de correlacionar o conceito de lipofobia com a técnica biopolítica de disciplinamento do corpo, pensada por Foucault (2008). O diálogo com as características que constituem a transformação do corpo, por meio da disciplina, utiliza tanto elementos internos, próprios ao espaço-tempo-atividades onde se localiza o corpo, quanto elementos externos, a constante normatização em forma de vigilância-punição, ambos submersos a um sistema de governamentalidade.

As modernas sociedades são lipofóbicas pois expressam profunda ansiedade sobre a gordura (ASKEGAARD, 2003). A produção de estigmas contemporâneos é crescente sobretudo relacionado a questão da obesidade, pois vive-se um declínio dos conflitos psíquicos em detrimento dos sintomas corporais (VIANNA, 2018). Para Boero (2007) a obesidade é uma epidemia pós-moderna pois relaciona-se a movimentos “desigualmente medicalizados” ausentes de base patológica e incorporados nas consciências coletivas para produzir pânico moral. O mesmo autor constata que a epidemia da obesidade é baseada nas discriminações de gênero e etnia (BOERO, 2007).

Bacouël; Bacouël-Jentjens (2015) abordam o tema da lipofobia conectado a moral empreendedora. Para os autores, o desenvolvimento da lipofobia refere-se a três esferas: moda e estética corporal (imagem corporal); consumo alimentar e hábitos alimentares; e medicina e saúde pública. Com o crescente poder do acionista na atual fase de financeirização da economia global, os empreendedores morais estabelecem e promovem novos padrões, que são seguidos pelas massas, e punem os que desrespeitam as convenções estabelecidas (BACOUËL; BACOUËL-JENTJENS, 2015).

Compreendemos então que a lipofobia é um modo de disciplinamento no neoliberalismo que ver na produção de pânico contra a gordura, a ativação do desejo de um estilo de vida saudável para a produtividade no trabalho e o consumo de um corpo-capital para criação de novas cadeias de produção de valor.

Esse modo de disciplinamento produz o sujeito lipofóbico, o qual por sua vez torna-se um agente reprodutor deste disciplinamento. Esse processo colabora duplamente como mecanismo de controle, circulação e acumulação de capital, porque é facilitado pela preocupação excessiva em não fugir de um padrão corporal, levando certa aversão social, um indivíduo controlador de seus hábitos e de sua forma corporal. O corpo então conjuga-se como extensão do

espaço simbólico governamental. A regra é incorporada e a vigilância está em si e nos outros.

No início da década de 1990, a influência da ideologia da vida saudável reafirmou como verdade para o corpo o discurso lipofóbico. Este discurso foi fundamentado na indústria moderna, cujo valência tecnológica contribuiu para o interesse no consumo de corpos modelos. Aversão à gordura tornou-se um pacto da sociabilidade presente. A valer, isso se transformou em uma forma poderosa de disciplinamento que tem sido transmitida à geração *fitness* e *wellness*. De acordo com Furtado (2009) enquanto a geração *fitness* se caracteriza pela preocupação com a dimensão biológica do corpo, dando ênfase ao condicionamento físico do indivíduo, a geração *wellness* engloba perspectivas mais amplas visando à qualidade de vida e o bem-estar integral do sujeito. O disciplinamento, portanto, coloca a necessidade de aderir, a qualquer custo, outra vida para fugir de todo e qualquer tipo de doença, bem como, dos efeitos do envelhecimento do corpo.

Esse disciplinamento converteu-se em uma forma empreendedora de constante transformação para o corpo magro, cuja biopolítica assentou seus objetivos de controle do corpo. A lipofobia, como biopolítica do corpo magro, localiza-se como poder ideológico dominante que prevê o ajustamento do corpo, garante individualmente os riscos sobre a vida e prende-se a determinações fixadas de disciplinamento.

A pretensão na internalização desse modo de vida se relaciona com o objetivo maior de tornar as necessidades humanas (ter uma vida saudável) submissas à racionalização neoliberal. Assim, o discurso lipofóbico revela modos que visam o disciplinamento do corpo para a nova razão de gerir a vida: a vigilância das sociabilidades.

Metodologicamente este artigo teve caráter qualitativo porque compreendemos que a realidade assinala as causas e as consequências dos problemas, das contradições e suas relações através da necessidade da transformação (TRIVIÑOS, 1987). Além disso, este trabalho abrangeu a natureza bibliográfica, pois segundo Minayo (2000) a pesquisa bibliográfica possibilita o pesquisador traçar a moldura na qual o objeto se situa, com objetivo de entender os diferentes pontos de vista e ângulos sobre o problema e assim verificar suas lacunas e regularidades.

Nesse sentido, este artigo pergunta: como a lipofobia vem se configurando neste início de século XXI como técnica de disciplinamento do corpo? Como ela tem se manifestado em diferentes formas de disciplinamento do corpo? E ainda, como o disciplinamento do corpo domina as sociabilidades através de discursos lipofóbicos criando novas cadeias de produção de valor?

DISRUPTURA DO CORPO E O NASCIMENTO DA LIPOFOBIA COMO TÉCNICA DE DISCIPLINAMENTO

O nascimento do monstro mecânico que Marx descrevera na *Maquinaria e Grande Indústria*, no primeiro livro **O Capital**, apresenta o processo de disciplinamento do trabalho através do sistema de fábrica em que o corpo do operário se incorporava ao processo de produção, enfraquecendo, assim, o sistema de produção artesanal. Charles Dickens, em **Oliver Twist**, mostra como a delinquência, pobreza, trabalho infantil, sujeira, barulho e todas as contradições da Inglaterra vitoriana marcaram um desenvolvimento à custa da desgraça de corpos famintos e miseráveis. Aquela fase da economia mundial caracterizada pelo frenesi do trilho e do aço indicou uma transição disruptiva (mudança) do corpo-operário que, seduzido pelo monstro mecânico, abandonou a solidão da oficina artesanal para ampliar a produção de mais valia ao industrial.

O monstro mecânico, isto é o sistema de fábrica também foi alterado pelo desejo de acumulação do velho industrial que se transformara nos próximos séculos em acionista e empreendedor. A desmaterialização do dinheiro em tempos de financeirização permitiu ao capitalista de hoje sonhar mais uma vez com o controle total da força de trabalho através do disciplinamento, agora com a automação e robótica. Assim sendo, a disruptura para um corpo contemporâneo é configurada no presente século como técnica de disciplinamento que tem na economia global e no Vale do Silício a inspiração para a tentativa de crescimento do fetichismo que funde homem e máquina. Expande-se a possibilidade de produção de mais valia e, portanto, o corpo eminente passou a ser o corpo móvel, da aparência, da individualização, da emulação e "si-mulação". Logo, o indivíduo ajuda o sistema na retroalimentação constante da técnica de disciplinamento do seu próprio corpo e o faz obedecendo a critério observado no cotidiano: o aumento do discurso lipofóbico. Paradoxalmente, esse discurso é acompanhado através da indústria alimentícia e as transnacionais de *fast food* com outro discurso: o da culpa depois do consumo exagerado de alimentos fornecidos pelos *fast foods*. Isso ratifica a lipofobia como preleção a ser observada.

Podemos entender por disciplinamento então, a destreza técnica e o adestramento corporal, o qual se tornaram formas elaboradas através da pedagogia do gesto e da vontade, gerando a consolidação, por exemplo, da Educação Física como Ciência na Europa dos séculos XIX e XX (SOARES, 1998), que teve como objetivo irrestrito e totalizante a transformação de corpos saudáveis em economicamente produtivos (FOUCAULT, 1987; MENDES, 2007; SOARES, 1998; 2001; 2007).

Inaugura-se assim, a ideologia do ser saudável, como forma dominante de disciplinamento do corpo. A idealização da saúde como verdade do corpo vai traçando um processo de transmissão calculista das ações. Esse é o processo de racionalização das práticas corporais que resultou na divisão entre normal e patológico, saúde e doença, corpo e alma, vida e morte (FOUCAULT, 1987). As outras técnicas tradicionais de disciplinamento que se legitimaram nas diferentes culturas têm sido esquecidas. Mauss (2003) já descrevia as disrupções do corpo através de mudanças nas técnicas, por exemplo, do nado, do cavar e da marcha. Técnicas regionalizadas que passaram por transformações globais e que foram difundidas de geração em geração, como formas bem elaboradas e sucedidas de agir.

Há pelo menos duas análises que se relacionam com diferentes formas de disciplinamento do corpo manifestado no discurso lipofóbico: a ideologia e o saber-poder. Michael Löwy (2012, p. 12) em consonância com as concepções marxianas, explica que a "ideologia aparece como equivalente à ilusão, falsa consciência, concepção idealista na qual a realidade é invertida e as ideias aparecem como motor da vida real". As produções das ideias, das representações e da consciência estão condicionadas às atividades da vida tomada como real, produzida por grupos dominantes na sociedade. Dessa maneira, o disciplinamento do corpo impõe-se a partir da interação com os outros indivíduos em sua materialidade social. O indivíduo em contato com as pessoas as quais interage, pela vivência cotidiana, representa as ideias, imagens e situações no plano da sua consciência, esta é tomada como real, mas produzida por grupos dominantes.

Na televisão, internet e redes sociais é possível seguir diversos depoimentos de pessoas com grande peso corporal que conseguiram fazer dietas, com as quais emagreceram em um curto período de tempo. Tais pessoas compartilham suas histórias na web⁵, descrevem suas condições e narraram o dia-a-dia, as experiências que passaram por possuir um corpo gordo e como transformaram suas realidades. Desse modo explicam como fizeram as dietas, os métodos de comportamento adotados para uma vida mais saudável, os exercícios físicos necessários para o processo de emagrecimento e finalmente o resultado alcançado.

Há vários componentes importantes nessas histórias: alimentação, exercícios físicos, roupas, hábitos de consumo, cosméticos e comportamentos adotados. Estes componentes reúnem materialmente utilidades que conseguiram produzir vidas cotidianas como exemplos de sucesso e superação. Por isso, ao ler

⁵ Aqui alguns exemplos de blogs e sites que discutem diretamente sobre os hábitos para eliminar gordura do corpo. Disponível em: <http://blogvidaleve.com.br/como-perdi-gordura/> <https://blog.fitness/perder-peso-x-perder-gordura-entenda-diferenca.html> e <https://oblogdakaren.com/como-perder-gordura-abdominal/>. Acesso em: 30 dez. 2018.

e ver as próprias pessoas narrando e mostrando suas trajetórias tem-se a construção de uma consciência representada que pode ser apreendida e reproduzida a qualquer momento e em qualquer espaço.

A força da ideologia, portanto, manifestada na falsa consciência é hegemônica e passa a cumprir um papel político uniformizante. Esse papel é exercido como disciplinamento do corpo, na modernidade, a partir do desenvolvimento científico e das ideias de saúde, de higiene, de alimentação e da prática de exercícios como técnicas eficazes para a produção de corpos magros, jovens e produtivos. Acreditamos que esse seja o conteúdo da lipofobia que se expressa em verdade.

O conhecimento científico que determina essas verdades também produz formas ideológicas dominantes no sentido de considerar que as consciências individuais, como previu Marx e Engels (2007), partem “dos próprios indivíduos reais e vivos, e consideramos a consciência unicamente como a sua consciência” (MARX; ENGELS, 2007, p. 20), consciência tomada como real e incorporada como a de sua vontade espontânea e exclusiva.

O discurso lipofóbico, destarte é assumido pelo indivíduo como saber-poder. É reproduzido em um disciplinamento unívoco e dominante. Isso se configura como técnica legitimada pela verdade científica, um poder-saber de hegemonização do tecido social que se cumpre com formas de governamentalidade da vida, a que os sujeitos aderem voluntariamente. O saber-poder torna a ideia de saúde como verdade do corpo, a forma magra como imagem a ser retida e as experiências empíricas dos exercícios físicos como método eficaz para a transformação dos corpos.

Ainda sobre a construção do poder ideológico do discurso lipofóbico, existem na televisão brasileira programas, tanto de canais abertos ou fechados, com o tema da saúde como pauta principal, como exemplos temos: Bem Estar, Opção Saúde, Ser Saudável, Vida & Saúde, Saúde Brasil. Também existe reality shows como *The Biggest Loser*, Além do Peso, Ganhar para perder. Todos tratam diretamente de pessoas que aceitaram televisionar seu emagrecimento. Nesses programas, constantemente corpos saudáveis são propagandeados, a imagem do corpo ideal é exibida repetidas vezes, são exibidos exemplos de alimentação saudável, exercícios físicos necessários para obter um corpo “bonito” e “saudável”, bem como toda a receita padronizada, o passo a ser seguido. Há sempre a presença de um médico, fisioterapeuta ou de um professor de educação física legitimando as informações repassadas aos telespectadores: o poder-saber saudável organiza a vida, cada um pode adotar aquelas práticas e autogovernar sua vida enquadrando seu comportamento a uma ordem governamental mais ampla. Assim, disciplinamento e vigilância são os comandos para manter a gordura longe de si.

A hegemonização do tecido social pelo processo de governo também associa o disciplinamento do corpo ao poder como anteviu Foucault (1987). Esta se transfigura em técnica biopolítica que se corporifica no micropoder para controle e autocontrole entre o poder do Estado, das corporações trans e multinacionais e a sociedade civil. A ideia de saúde ganha espaço e preocupação prioritária, tanto nas políticas sociais de governos, quanto pelos próprios indivíduos que foram imersos nas instituições disciplinares (escolas, prisões, conventos, fábricas, presídios, hospitais, entre outros) onde foi possível, por meio da gerência do poder disciplinar, a centralização do poder pela burguesia (como classe emergente) do saber sobre o corpo e a vida. (FOUCAULT, 1987). Essa uniformização apresenta o objetivo de aproveitamento completo de sujeitos econômicos que legitimam a ideologia do modo de vida, baseada em uma espécie de governança por números a partir de todas as possíveis medições corporais do indivíduo.

DISCIPLINAMENTO DO CORPO E LIPOFOBIA

O disciplinamento do corpo magro como um constituinte de poder apresenta na modernidade uma forma que se estende às estruturas microsociais, ultrapassando as instituições disciplinares e ganha forma mais elaborada em processos individualizados de gerências da vida. Nas estratégias de governamentalidade do século XXI, traduz-se ainda a biopolítica como política social. Ao mesmo tempo em que, recebe auxílio dos diversos meios de transmissão e difusão desse modelo de vida pelas atuais formas de linguagens e comunicação (em especial as redes sociais e a TV) e pelos estímulos rotineiros das relações sociais micro que se hospedam nas memórias.

A técnica biopolítica localiza a lipofobia como discurso ideológico que deve incidir sobre as formas de gestão e autogestão da vida dos indivíduos em sociedade. A nova razão de governo é a arte científica de governar. Essa arte determina as condutas dos indivíduos de forma mais intensificada nos dias atuais. Esse modelo universalizante apresenta uma característica determinante para a regulação dessa arte: o regime de verdade demarcado sob as leis do mercado. Os produtos ideológicos desses regimes é que dão vida a determinações tidas como verdadeiras, a exemplo dos conceitos de saúde e doença. Esses produtos vêm, ao mesmo tempo, colocando marcas nos corpos, primeiro em forma de técnica de disciplinamento, segundo sob a delimitação das gerências governamentais do sistema jurídico-político (FOUCAULT, 1987; 2008).

A liberdade que se funda com a governamentalidade neoliberal situa-se no plano individual, formal, não social e concreto. A biopolítica, mecanismo de intervenção governamental, é a política social que impõe uma racionalidade baseada na ética social da empresa, em que cada um gerencia seus riscos e

investimentos para ser produtivo e poder concorrer no mercado. É um processo de descentralização da ação governamental em que seus objetivos se voltam para as esferas micro da sociedade, por isso, o corpo dos indivíduos torna-se os alvos desse controle e regulação. O processo da biopolítica, portanto, é a “[...] programação estratégica da atividade dos indivíduos” (FOUCAULT, 2008, p. 307).

Neste prisma é preciso olhar o trabalhador como sujeito econômico ativo, como aquele que gerencia os próprios recursos e torna-se capaz de gerar efeitos econômicos. É o corpo como capital que encontra sua lógica para servir aos interesses de acumulação. É por meio da renda (o salário de que dispõe o trabalhador que é possível assegurar a lógica de ser empreendedor de si mesmo). A biopolítica, por isso, autolimita a arte de governar pensado para a “programação para a racionalização tanto de uma sociedade quanto de uma economia”. (FOUCAULT, 2008, p. 310).

Este corpo-capital para Foucault (2008) tem quatro características que devem ser investidas para que haja mais valor (maior renda): 1) a genética (o melhoramento dos aspectos físicos do corpo); 2) os investimentos escolares (cursos diversos de aperfeiçoamentos); 3) as migrações (viagens e trocas entre pessoas de culturas diferentes); 4) as inovações tecnológicas (menor dispêndio de recursos materiais). Com isso, a vida do indivíduo tem que se inscrever em uma possibilidade múltipla de empresas diversas. O capital humano, com a biopolítica, torna-se o investimento neoliberal do não-econômico para o econômico. Dessa forma, entendemos que a lipofobia enquadra-se a este propósito, o de agregar mais valor econômico ao corpo, em busca do melhor aproveitamento e produtividade na concorrência do mercado e nas relações sociais.

A verdade aceita é de que o corpo magro é sinônimo de corpo saudável, sendo este o símbolo do embuste do mito da vida eterna. A imagem do corpo normatizado é difundida exaustivamente pelas mais variadas formas de comunicação e em diversas direções para ser cultuada, incorporada, consumida e circulada por meio da espetacularização dos corpos transformados. Além da produção dessa verdade o par sucesso-fracasso é mensurador do nível de alcance dessa padronização. Os indivíduos que alcançam a forma física idealizada são exemplos de sucesso a serem emulados. Eles têm espaço e atenção nas mídias de comunicação para relatarem suas trajetórias fazendo com que os outros se sintam capazes de também conseguir emagrecer, tornando-se sujeitos de sucesso. Este fato, por conseguinte, caracteriza-se no disciplinamento que é transmitido e constantemente lembrado pela sua eficácia, o disciplinamento do corpo como poder.

É nessa perspectiva que o disciplinamento do corpo, como forma de poder, toma o discurso lipofóbico como um importante dispositivo de vigilância dos corpos para que os indivíduos tenham aversão permanente ao corpo gordo e à

gordura. Ao adotarem a ideia de corpo magro como saudável e tornarem as atividades da sua vida cotidiana voltadas a permanente transformação e aperfeiçoamento deste corpo, os sujeitos tomam para si a ideia do autoempreendedorismo, cumprindo os objetivos biopolíticos da arte de governar neoliberal.

O corpo-capital, portanto, torna-se mais um espaço de dominação, o consumo ganha uma dimensão mais complexa, porque os acréscimos de valores não estão mais em possíveis objetos comprados e que possa ser ostentado. O 'bem' ou valor comprado precisa aderir-se ao corpo dando-lhe um aspecto mais valoroso. Fazer uma cirurgia estética agregará mais valor, assim como transformar o corpo por técnicas de exercícios físicos para obter mais saúde. O discurso lipofóbico é fundamental para manter as pessoas afastadas da gordura, o corpo com excesso de massa gorda não é só improdutivo na perspectiva do mundo do trabalho, é um corpo indesejado e com menos valor, com menos capital.

A lipofobia representa um dispositivo técnico que normatiza todo o meio social, em vistas à internalização da mudança de hábito de vida, como uma forma de aprimoramento tecnológico e consequente prolongamento da vida humana. Discurso muito eficiente em regulação e convincente ao disciplinamento nos mais diversos âmbitos, pois trabalhadores após jornadas de 8 horas ou mais frequentam academias para a prática de exercícios físicos. As horas de descanso até a próxima jornada de trabalho tornam-se horas para mais atividades físicas, o autocontrole do sujeito para essa rotina deve a assimilação da forma física a ser alcançada e a subjetivação do poder.

É por meio do processo de subjetivação que a lipofobia é disseminada, nesse jogo de verdades, entre as mais diversas relações que envolvem o mecanismo do saber-poder. Dentro desse jogo a linguagem é determinante, a redução cognitiva massiva desarticula os sujeitos, o corpo incompreendido torna-se dócil e espaço de manifestação da governamentalidade que se assimila no cotidiano.

Quando o indivíduo se torna mais um instrumento, sua linguagem também se torna instrumental logo, com a disseminação de equipamentos tecnológicos como *smarthphones*, a linguagem escrita reduz-se ainda mais. As imagens ganham relevância e tornam-se a própria coisa, ou seja, as frases curtas e claras que incentivam o consumo, não precisam de muita interpretação. A lógica da iconização submete-se a da escrita, tendo em vista que se a imagem representa a própria pessoa, o corpo precisa iconizar-se. É nesse campo que a lipofobia mina as mentalidades, pois as fotos que mostram o indivíduo são registros da sua própria história. Acreditamos que o discurso lipofóbico não teria tanta força se o ser humano não estivesse em uma época de tanta fascinação por sua própria imagem, a *selfie*.

Nota-se o valor das coisas que se encontram na ideologia do utilitarismo. O valor de troca, o corpo tem um preço no mercado, deve estar inserido no jogo da concorrência. Esse jogo determina a imagem e a quantidade de capital que é possível trocar por esse corpo. É o corpo do trabalhador que está à venda, quanto mais investido (seja na beleza, na pró-atividade, no acúmulo de vida, nos cursos educacionais, na jovialidade e magreza), mais valor ele terá para lançar-se no mercado.

Para que todos esses processos possam funcionar articuladamente foi e é necessária uma estória com um ideal de chegada e um caminho bem descrito para seu alcance. Assim se produz o embuste do mito da vida eterna, que não é algo novo na humanidade. A vontade de perpetuar-se sempre esteve presente, principalmente para os grupos mais abastados da sociedade. Entretanto, essa vontade estendeu-se a todos os indivíduos como possibilidade através da biopolítica no discurso da lipofobia.

É possível analisar que o poder ideológico que produz a lipofobia, apresenta-se na convergência entre as ideias de dominação e centralização do poder-saber. Essa convergência se expressa na monetarização da sociedade, a qual ratifica sua tendência monopolista. Isso inaugurou vastas tendências de comportamento que construíram cada vez mais o corpo transnacional concebido, por exemplo, pelo Vale do Silício nos Estados Unidos.

LIPOFOBIA E NOVAS CADEIAS DE PRODUÇÃO DE VALOR

A lipofobia como técnica de disciplinamento do corpo conecta-se com a produção de novas cadeias de produção de valor, dentre as quais destacamos: a) o mercado da estética; b) o turismo de cirurgia plástica; c) o mercado da nutrição; d) a indústria farmacêutica; e) o mercado do *fitness*.

O mercado da estética como uma nova cadeia de produção de valor é mobilizado a partir do padrão estético do corpo magro, belo e saudável, isto é, do discurso lipofóbico. Esse mercado é representado por várias modalidades “desde dietas e uso de remédios para emagrecimento e ganho de músculos até a realização de cirurgias plásticas” (COELHO et al., 2017, p. 136).

Alguns procedimentos e cirurgias indicados pela Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica são: “Abdominoplastia, Lifting Braquial, Lifting Facial, Lipoaspiração, Peeling Químico, Toxina Botulínica”⁶. Em cada procedimento e

⁶ No site é possível ter acesso aos detalhes do que é cada procedimento e está destinado o remodelamento do corpo. Ver mais procedimentos e com detalhes no site da SBCP: <http://www2.cirurgioplastica.org.br/cirurgias-e-procedimentos/contorno-corporal/>. Acesso em: 30 de julho de 2018.

cirurgia descritos, evidencia-se o intuito dessas transformações, as quais oferecem um rejuvenescimento do corpo, retirando ou diminuindo rugas, manchas, gorduras, peles flácidas, com isso tem-se um remodelamento do corpo, visando sempre uma aparência jovem. Na linguagem explicativa desses métodos está muito presente uma possível imagem de beleza e juventude. Um senso de harmonia corporal que é comprado e agrega maior valor social ao consumidor. O corpo gordo não combina dentro dessa proposta de beleza. A gordura deve ser aspirada mecanicamente. Em tempos de diversidade, o que é diferente precisa passar por um processo de modelagem, isto é, de disciplinamento até encaixar-se perfeitamente na forma aceitável de estética.

De acordo com um levantamento realizado pela *International Society of Aesthetic Plastic Surgery* (ISAPS) o Brasil encontra-se em primeiro lugar no ranking mundial de procedimentos cirúrgicos de caráter estético. Os procedimentos cirúrgicos mais realizados no mundo são: implante de prótese de mamas (15,3%), lipoaspiração de abdômen (13,9%), blefaroplastia (11,9%), lipoescultura (9,1%) e rinoplastia (8,2%) (COELHO et al., 2017).

Os referidos autores realizaram uma revisão da literatura de estudos relacionados à cirurgia plástica estética e constataram que o motivo principal para realização de tal procedimento cirúrgico é a insatisfação com o corpo. Além disso, o transtorno dismórfico corporal, definido como uma profunda preocupação relacionada a um defeito imaginário na aparência física, e os transtornos alimentares, caracterizados pelo controle patológico do peso corporal, possuem alta prevalência nesses indivíduos. Ademais, mesmo após a realização do procedimento, esses sujeitos continuam insatisfeitos com seus corpos (COELHO et al., 2017).

Acreditamos que a arquitetura ideológica que sustenta a realização de cirurgia estética devido à insatisfação com o corpo mobiliza o desejo inalcançável por um padrão de beleza adquirido no mercado. Pensamos que, assim como o capital precisa estar em movimento e em circulação para poder se reproduzir, o mercado da *estética* constrói um corpo transnacional e o coloca em movimento, pois somente o corpo em movimento pode fazer esse mercado.

Dentre as cirurgias plásticas mais comuns destaca-se a lipoaspiração, procedimento cirúrgico estético mais realizado no mundo. Essa técnica se caracteriza como remodelamento do contorno corporal através da remoção do excesso de depósitos de gordura subcutânea (SERAFIM FILHO et al., 2017). A Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica evidencia que a lipoaspiração ocupa quase um terço (32%) de todos os procedimentos realizados pela especialidade no Brasil. Cerca de 16,07% dos processos judiciais na Cirurgia Plástica são devido a lipoaspiração (SOUZA et. al, 2018).

Apesar da grande prevalência da lipoaspiração no mundo não existe um padrão único de realização desta técnica, assim como não existe também uniformidade na formação acadêmica de cirurgiões. Isso produz frequentemente complicações com a incidência de óbitos (SOUZA et. al, 2018).

Entendemos que o processo de disciplinamento do corpo impulsiona os indivíduos a realizarem cirurgia estética, mesmo sabendo dos riscos e das consequências negativas que podem ter, se porventura houver complicações durante ou após o referido procedimento.

Outra cadeia de produção de valor encontra-se no Turismo da cirurgia estética. De acordo com De Casanova e Sutton (2013) em virtude das disparidades econômicas globais entre os estados-nações, o mercado da cirurgia estética também promove o mercado do turismo levando viajantes e consumidores internacionais - atraídos pelos custos mais baixos de procedimentos cirúrgicos - para países como Argentina, Brasil, Costa Rica, México, Tailândia e Índia. Os novos turistas de cirurgia plástica geralmente não são de elite, mas indivíduos de classe média e baixa que desejam modificar seus corpos, não como um projeto individual, mas um projeto de dimensões transnacionais (DE CASANOVA; SULTTON, 2013).

Outra conexão entre lipofobia e produção de valor encontra-se no mercado da nutrição. A empresa global *Herbalife* comercializa mais de 60 produtos de gerenciamento de peso, nutrição e cuidados pessoais para um estilo de vida saudável. Essa multinacional está presente em mais 90 países. A empresa já investiu 250 milhões de dólares na área de pesquisa científica e desenvolvimento de novos produtos nos últimos anos⁷. Um dos principais produtos da *Herbalife* é o *Shake*, que substitui parcialmente a refeição, é baseado na tese de economia das calorias e tem a função de reduzir e controlar o peso dos clientes.

A indústria farmacêutica destaca-se também como um ator neste jogo neoliberal de produção de valor. A produção de medicamentos para o emagrecimento, conhecidos como inibidores de apetite, parece tomar conta das prateleiras dos supermercados, porém paradoxalmente, estes mesmos produtos parecem ser regulados pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) e muitos deveriam ser vendidos sob prescrição médica. Percebe-se que vem crescendo a prática da comercialização de medicamentos para emagrecer, tanto em farmácias online como por vendedores clandestinos, confirmando práticas de vendas ilegais (SILVA; SILVA; OYAMA, 2013).

⁷ Para saber mais ver em vídeo institucional *Herbalife*: https://www.youtube.com/watch?v=XotLyFM0--U&feature=youtu.be&fbclid=IwAR1oj5rwO5D2UUMWcf9c6CPMvvytsE2Q8mmN2CxdBY8MZXr15eQy_zf6zwV8. Acesso em: 01 abr 2019.

Por fim, o mercado do *fitness* também se destaca como uma importante cadeia de produção de valor incrivelmente legitimada pela sociedade, através do discurso lipofóbico do corpo magro. De acordo com o relatório Global Report IHRSA 2017 – associação internacional que representa o mundo *fitness*, o Brasil possui 34 mil academias de ginástica, sendo 9,6 milhões de clientes e uma receita de U\$ 2,1 bilhões. No cenário mundial, o Brasil possui a segunda colocação em quantidade de academias, ocupando a 10ª colocação em receita e a 4ª colocação em quantidade de clientes, tendo uma média de 278 clientes por academia no país (MERCADO..., 2017).

Acreditamos que este circuito que conecta produção de valor e lipofobia é construído para manter uma velocidade acelerada de reprodução de capital que vê no corpo as possibilidades de controle subjetivo. Vaz (2006) caracteriza dois vetores de transformação do padrão estético de corpo na contemporaneidade, ordenados pelas relações de poder que remetem à produção de subjetividade, quais sejam: a) as novas tecnologias biomédicas, de comunicação e informação como forma de produzir um ideal de corpo em escala global; b) a articulação entre o corpo e o mercado, desenvolvendo a capacidade desse corpo consumir e ser consumido, como mecanismo de produção de prazer e autoestima.

O discurso lipofóbico, portanto, alimenta o sentimento de que se o indivíduo se esforçar e comprar os produtos e serviços do mercado para alcançar o objetivo de ser magro, belo e saudável terá a recompensa por essa conquista, ou seja: poderá expor o corpo não só na sociedade, mas terá bom emprego, uma esposa ou esposo bonita/o, será considerado produtiva/o e bem-sucedida/o.

Para Novaes (2013) a novidade não é o padrão estético em si, mas o juízo de valor moral arquitetado para culpabilizar o sujeito por ser gordo, sendo taxado de desleixado, preguiçoso, mau caráter, entre outros. Nesse processo de subjetivação cada um é responsável de gerir e regular seu próprio corpo, de modo que só é gordo ou feio quem quer.

Novaes (2013) destaca ainda que o discurso de que o padrão estético vigente é acessível a todos é uma ilusão, pois o sujeito precisa de tempo e dinheiro para consumir os produtos e serviços capazes de promover o corpo belo, magro e saudável. Portanto, a incapacidade de ter o corpo ideal produz o que a mesma autora denomina de: doenças da beleza. Estas são enquadradas na categoria de transtornos obsessivo-compulsivos (TOC). Estes transtornos denominados de anorexia, bulimia, ortorexia, vigorexia e lipofobia provocam uma percepção distorcida da realidade em relação à própria imagem (NOVAES, 2013).

A lipofobia, por consequência, “causa alterações da percepção da imagem corporal derivada da imposição social de um padrão corporal considerado ideal ao qual associam o sucesso e a felicidade” (NOVAES, 2013, p.38).

Em nosso entendimento, o desenvolvimento exponencial do mercado da *estética* responde às demandas de consumo impulsionadas pelo culto ao corpo magro, belo, saudável e sempre disposto a ser comercializado diante das novas cadeias de produção de valor, construindo o corpo transnacional como técnica de disciplinamento do corpo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relação existente entre lipofobia, disciplinamento do corpo e produção de valor é uma chave de análise para entender como a moral empreendedora molda as sociabilidades na contemporaneidade. Se de um lado essa relação concretiza-se na biopolítica do poder sobre o corpo que se submete a uma racionalidade técnica do sujeito econômico, empreendedor de si mesmo, que deve assumir individualmente os riscos de sua beleza para tornar-se mais atrativo às leis da concorrência do livre Mercado, de outro, essa relação esconde formas de controle da força de trabalho e da vida cotidiana.

É nesse viés que o modelo de governabilidade neoliberal gestou a lipofobia como técnica de disciplinamento do corpo no XXI, no qual o corpo-capital torna-se espaço de dominação e o consumo ganha uma dimensão mais complexa, já que o “bem” comprado adere-se ao corpo criando novas cadeias de produção de valor para o capital. Logo, fugir de toda e qualquer gordura proporciona o disciplinamento do corpo eficaz alinhado a racionalização do modo de vida empresarial, embutindo a promessa de felicidade e longevidade.

Conclui-se que, o discurso lipofóbico movimentou o circuito de produção de novas cadeias de valor neoliberal a partir da comercialização transnacional de produtos e serviços do mercado da estética, da cirurgia plástica, da nutrição, dos fármacos, do fitness e do turismo de cirurgia plástica. Isso garante a produção e reprodução ampliada do metabolismo do capital que vê na moral empreendedora possibilidades de se desenvolver como valor em movimento, processo de circulação e movimento em direção para criação de mais valor.

REFERÊNCIAS

ASKEGAARD, Søren. Social marketing and consumers' experience of lipophobia. *International Journal of Consumer Studies*, v. 27, n. 3, p. 232-232, 2003. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1046/j.1470-6431.2003.00308.20.x>.

BACOUËL, Anne-Sophie; BACOUËL-JENTJENS Sabine. *From Lipophilia to Lipophobia: The Role of Moral Entrepreneurs*. In: Arora, Anshu Saxena and Sabine Bacouël-

Jentjens. Advertising Confluence: Transitioning Marketing Communications into Social Movements. New York: Palgrave Macmillan, 2015.

BOERO, Natalie. All the news that's fat to Print: The American "obesity Epidemic" and the Media. *Qualitative Sociology*, v. 30, n. 1, p. 41-60, 2007. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s11133-006-9010-4>.

COELHO, Fernanda Dias et al. Cirurgia plástica estética e (in)satisfação corporal: uma visão atual. *Rev. Bras. Cir. Plást*, v. 32, n. 1, p. 135-140, 2017. Disponível em: <http://www.rbc.org.br/details/1824/cirurgia-plastica-estetica-e--in--satisfacao-corporal-uma-visao-atual>.

DE CASANOVA, Erynn Masi; SUTTON, Barbara. Transnational Body Projects: Media Representations of Cosmetic Surgery Tourism in Argentina and the United States. *Journal of World-Systems Research*, v. 19, n. 1, p. 57-81, 2013. Disponível em: <https://jwsr.pitt.edu/ojs/index.php/jwsr/article/view/509>.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1987.

FOUCAULT, Michel. *O nascimento da biopolítica*. Curso dado no Collège de France (1978-1979). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis, Vozes, 1987.

FURTADO, Roberto Pereira. Do Fitness ao Wellness: os três estágios das academias de ginástica. *Pensar a Prática*, v. 12, n. 1, p. 1-11, 2009. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/pef/article/view/4862>.

JACQUES, Bidet. Foucault with Marx. LAVAL, Christian; PARTRINIERI, Luca (org.). *Marx & Foucault: Lectures, usages, confrontations*. Paris: Éditions La Découverte, 2016.

KOSIK, Karel. *Dialética do concreto*. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

LOWY, Michael. *A teoria da Revolução no jovem Marx*. Tradução: Anderson Gonçalves. São Paulo: Boitempo, 2012.

MARX, Karl. *Manuscritos econômico-Filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2015.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã*. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. 2 ed. São Paulo: Martin Claret, 2012.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 2000.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MERCADO mundial de Fitness em números. *Revista Acad Brasil*, Rio de Janeiro, ano 18, n. 78, 2017.

NOVAES, Joana. *A ditadura da beleza*. Ideias em revista (Entrevista a Tatiana Lima). Ano V, n. 39, p. 36-38, 2013. Disponível em: <https://www.joanadevilhenanovaes.com.br/imprensa/2013/Ideias%20em%20Revista%20-%20Janeiro%202013.pdf>.

SERAFIM FILHO, Pericles Vitório et al. Temas controversos em Lipoaspiração: pesquisa de opinião nacional de membros da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica (*Update Liposuction Survey / SBCP*). *Rev. Bras. Cir. Plást*, v. 32, n. 2, p. 303-307, 2018. Disponível em: <http://www.rbc.org.br/details/1855/temas-controversos-em-lipoaspiracao--pesquisa-de-opiniao-nacional-de-membros-da-sociedade-brasileira-de-cirurgia-plastica--update-liposuction-survey-->.

SILVA, Luciana Fernandes Oliveira da; SILVA, Francinie Valeska Mendes da; OYAMA, Silvia Maria Ribeiro. Prevalência do uso de medicamentos para emagrecer entre universitárias. *Revista Recien*, v. 3, n. 7, p. 9-26, 2013. Disponível em: <https://www.recien.com.br/index.php/Recien/article/view/48>.

SOARES, Carmen Lúcia. *Imagens da educação do corpo: estudo a partir da ginástica francesa no século XIX*. Campinas: Autores Associados, 1998.

SOARES, Carmen Lúcia. *Educação Física: raízes europeias e Brasil*. 2 ed. Campinas: Autores Associados, 2001.

SOARES, Carmen Lúcia. (Org.). *Pesquisas sobre o corpo: ciências humanas e educação*. Campinas: Autores Associados, 2007.

SOUZA, Gustavo Moreira Costa de et al. Condutas em lipoaspiração entre cirurgiões brasileiros. *Rev. Bras. Cir. Plást*, v. 33, n. 2, p. 181-186, 2018. Disponível em: <http://www.rbc.org.br/details/2039/condutas-em-lipoaspiracao-entre-cirurgioes-brasileiros>.

TRIVINOS, Augusto Nivaldo Silva. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

VAZ, Paulo. Consumo e risco: mídia e experiência do corpo na atualidade. *Comunicação, Mídia e Consumo*, v. 3, n. 6, p. 37-62, 2006. Disponível em: <http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/58>.

VIANNA, Monica Vanderlei. *O Peso que não aparece na balança: Sofrimento Psíquico em uma sociedade obesogênica e lipofóbica*. *Polêm!ca*, v.18, n. 1, p.094-108, jul. 2018. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/polemica/article/view/36073>. Acesso em: 22 mai. 2019.